

A SEMANA – 122

John Gledson

Machado volta a um velho tópico, abordado já na crônica de 1º de janeiro de 1877, de “História de Quinze Dias”, e novamente na de 6 de novembro de 1892, desta série: a igreja da Matriz da Glória, no Largo de Machado, perto da sua casa, com a sua estranha mistura de estilos – um frontispício de templo grego, “imitado da Madalena” (a Madeleine, de Paris), e uma torre, “imitada de coisa nenhuma” (de fato, claro, da torre de uma típica igreja cristã). O fato de voltar ao assunto nesta ocasião provavelmente indica que ele estava sem assunto mais imediato, mas a crônica não é menos interessante por isso. Sobretudo, as considerações sobre a “beata” Maria de Araújo e a devoção popular, contrastada com, em parte porque provavelmente imitada de, Bernadette de Lourdes, são de uma isenção notável.



A SEMANA

30 de setembro de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Não escrevo para ti, leitor do costume, mas¹ para ti, venerando arcebispo, que ainda há pouco recebeste o púlpito na nossa catedral de S. Sebastião.² Não esperes que venha dizer mal de ti, em primeiro lugar porque o mal só se diz “por trás das pessoas”, locução popular e graciosa; em segundo lugar, porque venho pedir-te um favor.

O favor que te peço, meu caro arcebispo, não é um benefício propriamente eclesiástico, nem carta de empenho, nem dinheiro de contado. Bênção não é preciso pedir-ta; ela é de todo o rebanho, e, ainda que em mim os vícios superem as virtudes, terei sempre a porção dela que me sirva, não de prêmio, que o não mereço, mas de viático.

Meu caro arcebispo, não te peço nenhum milagre. Nem milagres são obras fáceis de fazer ou de aceitar. A mais incrédula, a respeito deles, é a própria igreja, que acaba de declarar que os milagres de Maria de Araújo são simples embustes.³ Os louros de Bernadette tiravam o sono a essa moça do Juazeiro, que se meteu a milagrar também, nas ocasiões da comunhão, e é provável que comungasse todos os dias. Em vão o bispo do Ceará, depois de bem examinado o caso, reconheceu e declarou, em carta pastoral, “que eram fatos naturais, acompanhados de algumas circunstâncias artificiais”; o povo continuava a crer em Maria de Araújo, e não só leigos mas até padres iam vê-la ao Juazeiro. Como sabes, venerando prelado, a questão foi submetida à Santa Sé, que considerou os fatos e os condenou, tendo-os por “gravíssima e detestável irreverência à santa eucaristia”, e ordenando que as peregrinações à casa de Maria de Araújo fossem

¹ Aurélio tem “nem”, que parece errado, já que o cronista está mesmo escrevendo para o arcebispo. A palavra não se lê bem no microfilme, mas termina em “s”, e tem três letras.

² Para d. João Esberard, primeiro arcebispo do Rio de Janeiro, ver nota 1 à crônica de 4 de junho de 1893. A catedral era a antiga Capela Imperial, na rua Primeiro de Março, em frente à praça XV de Novembro.

³ Maria de Araújo (1862-1914), também conhecida como beata Maria de Araújo, foi protegida pelo padre Cícero. Em 1º de março de 1889, teria acontecido um milagre, em que, ao receber a hóstia, ela não pôde recebê-la, pois se transformava em sangue – o “sangue de Cristo”, segundo o povo, que passou a reverenciá-la, tratando os panos manchados de sangue (os “panos ensanguentados”) como relíquias. Dois padres mandados pela Igreja acreditaram no milagre, mas o bispo do Ceará, d. Joaquim José Vieira, declarou que era embuste, sendo apoiado depois pela Santa Sé. É beata só pela devoção popular.

vedadas, e assim também quaisquer livros que a defendessem, e a simples conversação sobre tais milagres, e por fim que se queimassem os panos ensanguentados e outras relíquias da miraculosa senhora.

Eis aí Maria de Araújo obrigada a trocar de ofício. Eu, se fosse ela, casava-me e tinha filhos, que não é pequeno milagre, por mais natural que no-lo digam.

Perde a celebridade, é certo, mas não se pode ser tudo neste mundo, alguma coisa se há de guardar para o outro, e particularmente aos famintos anunciou Jesus que seriam fartos.⁴ Não haverá Zola que a ponha em letra redonda e vibrante, para deleite de ambos os mundos.⁵ Paciência; terá nos filhos os seus melhores autores, e basta que um deles seja um Santo Agostinho, para canonizá-la pelo louvor filial, antes que a igreja o faça pela autoridade divina, como sucedeu a⁶ Santa Mônica.⁷ Esta não fez milagres na terra, não teve panos ensanguentados, nem outros artifícios; ganhou o céu com piedade e doçura, virtudes tão excelsas que domaram a alma do marido e da própria mãe do marido.

Mas a quem estou ensinando os fastos da igreja? Perdoa, meu rico prelado, perdoa-me esses descuidos da pena, tão pouco experta⁸ em matérias eclesiásticas. Perdoa-me, e vamos ao meu pedido. Hás de ter notado que, para pedinte, sou um tanto falador, sem advertir que a melhor súplica é a mais breve. Também eu ouço a suplicantes, porque também sou bispo, e a minha diocese, caro D. João Esberard, não tem menos nem mais pecados que as outras, e daí a necessidade da paciência, para que nos toleremos uns aos outros. Mas não há paciência que baste para ouvir um suplicante derramado. Todo suplicante conciso pode estar certo de despacho pronto, porque fixou bem o que disse, sem cansar com palavras sobejas. Vês bem que sou o contrário. Colhamos pois a vela ao estilo.

Peço-te um favor grande, em nome da estética. A estética, venerando pastor, é a única face das coisas que se me apresenta de modo claro e inteligível. Tudo o mais é confuso para estes pobres olhos que a terra há de comer, e não comerá grande coisa, que a vista é pouca e a beleza nenhuma. Não cuides que, falando assim, peço coisa estranha ao teu ofício. Há muitos anos, li em qualquer parte, que a moral é a estética das ações. Pois troquemos a frase, e digamos que a estética é a moral do gosto, e a tua obrigação, caro mestre da ética, é defender a estética.

⁴ Mateus 5:6.

⁵ Em 1894, Émile Zola tinha publicado *Lourdes*, o primeiro de uma série de três romances sob o título de *Les trois villes*. Apesar da pretensão de ser objetivo, de ser escrito “com a simpatia crítica que é marca distintiva do historiador do século XIX” (palavras do romancista), o livro é profundamente cético em relação às motivações dos vários peregrinos que descreve, e em relação aos “milagres” operados por Bernadette. No dia 22 deste mês veio a notícia que o livro fora condenado e interditado pela Igreja.

⁶ Na *Gazeta* com sinal de crase, que, como diz Aurélio, parece simples erro de revisão.

⁷ Santa Mônica (331-387) foi a mãe de Santo Agostinho, que trabalhou pela conversão do filho, do marido e da sogra. Agostinho dedica-lhe várias páginas nas *Confissões*. Ela é a padroeira das mães de família, e o assunto do *Panegírico de Santa Mônica* do companheiro de seminário de Bento Santiago (ver cap. LIV de *Dom Casmurro*).

⁸ “esperta” na *Gazeta*, que Aurélio corrige para “experta”, achamos que com razão.

Eis aqui o favor. Manda deitar abaixo uma torre. Não me refiro a torres dessas cujos sinos tocam operetas e chamam à oração por boca de *D. Juanita*.⁹ A torre cuja demolição te peço, é a da Matriz da Glória. Conheces bem o templo e o frontispício. Não sei se eles e a torre entraram no mesmo plano do arquiteto; todos os monstros, por isso mesmo que estão na natureza, podem aparecer na arte. Mas não é fora de propósito imaginar que a torre é posterior, e que foi ali posta para corrigir pela voz dos sinos o silêncio das colunas. Bom sentimento, decerto, religioso e pio, mas o efeito foi contrário, porque a torre e as colunas detestam-se, e a casa de Deus deve ser a casa do amor.

Sei o que valem sinos, lembra-me ainda agora a doce impressão que me deixou a leitura do capítulo de Chateaubriand, a respeito deles.¹⁰ Mas, prelado amigo, uma só exceção não será mais que a confirmação da regra. Manda deitar abaixo a torre da Glória. Se os sinos são precisos para chamar os fiéis à missa, manda pô-los no fundo da igreja, sem torre, ou na casa do sacristão, e benze a casa, e benze o sacristão, tudo é melhor que essa torre em tal templo. Ou então faze outra coisa, – mais difícil, é verdade, mas que me não ofenderá em nada, – manda sacrificar o templo à torre, e que fique a torre só.

E aqui me fico, para o que for do teu serviço. Relendo estas linhas, advirto que uma só vez te não dei Excelência, como te cabe pela elevação do posto. Não foi por imitar a Bíblia, nem a Convenção Francesa,¹¹ mas por medo de ficar em caminho. São tantas as Excelências que se cruzam nas sessões da Intendência Municipal, que bem poucas hão de ficar disponíveis nas tipografias. Para não deixar a carta em meio, falei-te a ti, como se fala ao Senhor.



⁹ Esta ópera de Franz von Suppé (1819-1895) já foi mencionada, no mesmo contexto dos sinos, na crônica de 15 de abril de 1894. No dia 23, estava sendo encenada em dois teatros, o Lírico e o Sant'Ana.

¹⁰ O primeiro capítulo da quarta parte do *Génie du Christianisme* leva o título “Des cloches” e ocupa-se do som dos sinos, e do seu grande poder sobre a alma humana.

¹¹ A Convention Nationale foi a assembleia unicameral, eleita por sufrágio masculino universal, que governou a França de 21 de setembro de 1792 até 26 de outubro de 1795, isto é, nos anos centrais da revolução. Começou decretando a suspensão do reinado de Luís XVI, e dos títulos aristocráticos e outros.